



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

A BIBLIOTECA DO ITAMARATY NO RIO DE JANEIRO - TRÊS EDIFÍCIOS EM UM ÚNICO CORPO

*THE LIBRARY OF ITAMARATY IN RIO DE JANEIRO - THREE BUILDINGS IN A
SINGLE BODY*

*LA BIBLIOTECA DE ITAMARATY EN RIO DE JANEIRO - TRES EDIFICIOS EN UN
ÚNICO CUERPO*

MONUMENTALIZAÇÕES

SAVIANE, Benjamim

Arquiteto, Mestre em Ciências e Gerente de Arquitetura no Instituto Pedra

benjamim@institutopedra.org.br



A BIBLIOTECA DO ITAMARATY NO RIO DE JANEIRO - TRÊS EDIFÍCIOS EM UM ÚNICO CORPO

RESUMO

Fruto de um concurso de projetos promovido em 1927 pelo Ministério das Relações Exteriores juntamente com o Instituto Central de Arquitetos, o edifício que abriga a Biblioteca, Mapoteca e Arquivo do Itamaraty no Rio de Janeiro apresenta um conjunto de singularidades que merecem destaque. Celebrado como um marco de modernização no momento de sua inauguração, o edifício acabou sendo paulatinamente legado a certo ostracismo. Isto se deve tanto a uma vinculação estabelecida com o ocaso da chamada República Velha quanto, aparentemente, ao fato de representar um momento de transição entre opções de representatividade do Estado através da arquitetura, uma vez que sua constituição estilística abriga elementos neoclássicos, neocoloniais e dispositivos funcionais em simultâneo. O objetivo deste artigo é colocar em evidência a constituição desse edifício fazendo uma reflexão acerca dos condicionantes políticos e estéticos que permitiram a sua construção (1928-1930), sendo elas também percebidas, em certa medida, como balizadores dos destinos do estilo neocolonial.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca do Itamaraty. Rio de Janeiro. Neocolonial. Racionalismo. Robert Prentice. Anton Floderer.

ABSTRACT

The result of a design competition held in 1927 by the Ministry of Foreign Affairs together with the Central Institute of Architects, the building that houses the Library, Map Collection and Archive of the Itamaraty in Rio de Janeiro presents a set of singularities that deserve to be highlighted. Celebrated as a landmark of modernization at the time of its inauguration, the building ended up gradually being left to a certain ostracism. This is due both to a connection established with the decline of the called Old Republic and, apparently, to the fact that it represents a moment of transition between options for representing the State through architecture, since its stylistic constitution houses neoclassical and neocolonial elements and functional devices simultaneously. The objective of this article is to highlight the constitution of this building by reflecting on the political and aesthetic conditions that allowed its construction (1928-1930), which are also seen, to a certain extent, as markers of the destinies of the neocolonial style.

KEYWORDS: Itamaraty Library. Rio de Janeiro. Neocolonial. Rationalism. Robert Prentice. Anton Floderer.



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

RESUMEN

Resultado de un concurso de proyectos promovido en 1927 por el Ministerio de Relaciones Exteriores junto con el Instituto Central de Arquitectos, el edificio que alberga la Biblioteca, Cartografía y Archivo de Itamaraty en Río de Janeiro presenta un conjunto de singularidades que merecen ser destacadas. Celebrado como un hito de modernización en el momento de su inauguración, el edificio acabó siendo progresivamente condenado al ostracismo. Esto se debe tanto a un vínculo que se establece con el ocaso de la llamada República Vieja como, aparentemente, a que representa un momento de transición entre opciones de representación del Estado a través de la arquitectura, ya que su constitución estilística abarca simultáneamente elementos neoclásicos, neocoloniales y dispositivos funcionales. El objetivo de este artículo es resaltar la constitución de este edificio a través de una reflexión sobre las condiciones políticas y estéticas que permitieron su construcción (1928-1930), que también se perciben, en cierta medida, como marcadores del destino del estilo neocolonial.

PALABRAS-CLAVE: Biblioteca de Itamaraty. Río de Janeiro. Neocolonial. Racionalismo. Robert Prentice. Antón Floderer.

O CONCURSO PARA A BIBLIOTECA E A INFLUÊNCIA DO NEOCOLONIAL

O surgimento do edifício está diretamente relacionado à atuação do ministro Otávio Mangabeira (1926-1930) que, à frente da chancelaria durante a presidência de Washington Luiz, desempenhou uma gestão pautada pela organização e modernização da burocracia ministerial. Os acontecimentos referentes à concepção do novo edifício são fartamente documentados por meio de memorandos do MRE, assim como publicação em periódicos e editais publicados no Diário Oficial da União à época. Esses documentos foram reunidos de forma concisa e clara por Guilherme Conduru (2013) e Angela Telles e Veronica Machado (2023) em publicações recentes, de modo que o nosso retrospecto desses acontecimentos visa apenas evidenciar algumas considerações a serem destacadas.

Em outubro de 1927 foi lançado o concurso público para o projeto de um novo edifício destinado à Biblioteca, Mapoteca e Arquivo do Itamaraty. O concurso foi realizado em parceria com o Instituto Central de Arquitetos, entidade de classe criada havia pouco tempo, com o propósito de promover a regulamentação e o aprimoramento profissional dessa atividade¹. O júri foi composto pelo arquiteto Fernando Nereu de Sampaio, presidente do ICA, juntamente com o arquiteto Francisco de Oliveira Passos² e o embaixador Maurício Nabuco. O primeiro prêmio foi conferido ao consórcio dos arquitetos Robert Prentice (escocês) e Anton Floderer (austriaco), que constituíam um dos principais escritórios de arquitetura na época (Cf. VIANNA NETO, 2020). Posteriormente, foi aberta outra concorrência para escolha dos construtores, sendo a obra conferida a Pedro Latif e César de Mello Cunha.

Embora a construção desse edifício tenha sido oficialmente muito celebrada, há registros de que o concurso não tenha sido propriamente recebido com unanimidade. Em 08/01/1928 o arquiteto Saldanha da Gama, um dos candidatos preteridos, conferiu uma entrevista ao jornal Gazeta de Notícias, externalizando críticas ao certame, considerando o edital “pouco claro e mal organizado”, e ressaltando a presença de poucos arquitetos na comissão julgadora (Apud CONDURU, 2013, p. 204). Segundo Gama,

foi classificado em primeiro lugar um anteprojeto que tem a planta baixa insuficiente, a fachada moldada nas páginas de um Vignola, isto mesmo arrematada por um pesadíssimo e desproporcionado tímpano, sem nenhum sabor artístico (Idem, p. 205).

¹ O atual Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) tem início em 1921 como Instituto Brasileiro de Arquitetos; logo após, houve uma cisão, originando também a Sociedade Central de Arquitetos. Em 1924 ambas se fundiram no Instituto Central de Arquitetos. Foi somente em 1934 que a instituição adquiriu o nome que possui até hoje. Disponível em: <https://iab.org.br/iab/historia/>. Acesso em 18 de março de 2025.

² Filho do projeto Pereira Passos e autor do projeto do Teatro Municipal do Rio de Janeiro (1904). Cf. CONDURU, p.203.



Não obstante, em novembro de 1929 foi lançado um concurso para definição de um conjunto escultórico que deveria ornamentar o tímpano previsto no projeto de 1927 – concurso este que foi concluído sem premiar a nenhum dos inscritos, resultando no tímpano desprovido de elementos figurativos.

É evidente que nem o teor dos discursos oficiais, nem tampouco o discurso dos vencidos, podem ser utilizados como parâmetros para um balanço efetivo acerca da receptividade a um projeto dessa envergadura. As informações trazidas por nós têm a finalidade apenas de destacar alguns aspectos específicos, não plenamente explicitados na crônica já estabelecida a respeito dos concursos em questão. Com efeito, essas duas iniciativas de concursos demarcam uma acentuada influência do grupo neocolonial junto ao Estado, representado, aqui, pelo MRE: no primeiro caso, a organização por parte do ICA era respaldada pela presidência de Nereu de Sampaio, um arquiteto notadamente ligado ao movimento neocolonial (Cf. PERES, 2019). Para o segundo caso, a proposta de um concurso para o tímpano foi uma iniciativa de ninguém menos que José Marianno Filho – um dos maiores promotores do *advocay* pelo neocolonial à época – através de sua influência junto à Sociedade Brasileira de Belas Artes.

Com efeito, não é possível afirmar (nem mesmo observando-se as exíguas atas do júri) que o projeto de Prentice e Floderer tenha sido vitorioso *devido* à adoção do neocolonial; entretanto, parece-nos estratégica uma solução que acena com relativa segurança, simultaneamente, em direção a diferentes balizas sobre o que poderia ser melhor valorado por parte de um júri. Afinal, o exterior neoclássico se volta na direção de uma ambiência externa que já estava dada pelas edificações pré-existentes, incluindo o palacete do séc. XIX. Por sua vez, o interior em “estilo tradicional” acena na direção da retórica nacionalista que estava em voga naquele momento. Finalmente, as áreas técnicas com funcionalidades modernas aludem a uma certa ideia de eficiência que é também reconhecida pela ata do júri (Apud TELLES; MACHADO, 2023, p. 57).

MORFOLOGIA E MATERIALIDADE DO EDIFÍCIO

O edifício da Biblioteca, Mapoteca e Arquivo do Itamaraty apresenta morfologia complexa e de difícil apreensão em um primeiro momento. O edifício está organizado a partir de volumes que “orbitam” o Salão de Conferências, um ambiente central cujo pé-direito (10,58m) ocupa toda a altura do edifício. No pavimento térreo, há salões nobres com pés-direitos que ocupam meia altura do edifício, na ordem de 5,70m, e são destinados a funcionalidades de visita (vestíbulo, sala do catálogo e sala de leitura). Ao lado desses salões, a leste, situa-se uma torre concebida para a guarda dos acervos da Biblioteca (térreo) e Arquivo (superior). A torre, por sua vez, é ocupada por estanteria metálica fixa autoportante, de piso a teto, possuindo níveis internos subdivididos em



mezaninos para acesso ao acervo. O pé direito do armazém³ da biblioteca ocupa 6,60m e é dividido em três níveis de estanteria. O pé direito do armazém do arquivo situa-se sobre o armazém da biblioteca, e ocupa um pé direito de 4,60m, sendo subdividido em dois níveis de estanteria.

Entre o salão nobre e os armazéns de livros, ainda a leste, estão situadas as áreas de trabalho: no térreo está a sala de trabalho dos bibliotecários, e no pavimento superior, salas de trabalho dos arquivistas e dependências da chefia do arquivo. Entre essas salas, portanto, na porção frontal do edifício, está situado também um pavimento intermediário chamado de “entre-solo”, destinado à guarda de valores em cofre e eliminação de documentos para descarte⁴.

A ala oeste possui comunicação parcial com o restante do edifício. No térreo localizavam-se usos de apoio e logística, tais como expedição de material impresso; essas salas são afastadas das salas de representação institucional por um corredor de passagem de veículos, à guisa de *porte-cochère*. Acima há outro “entre-solo”, no qual situava-se o maquinário de elaboração de impressos (passaportes, publicações do MRE, etc.) ; esse local possuía comunicação com o térreo por meio de um monta-carga, para facilitar a distribuição entre o local de produção (entre-solo) e o local de expedição (térreo).

Acima e ainda a oeste, no pavimento superior, situa-se a Mapoteca, localizada em um amplo e único salão; atrás do salão nobre (portanto, acima da sala de leitura), estava distribuída uma ala de escritórios e guichês⁵, que se comunicavam a um corredor que interligava todos os ambientes no pavimento superior. Cabe ressaltar que o pavimento superior possui comunicação com o edifício ao lado, onde situam-se os escritórios principais (edifício projetado por Bezzi em 1909). O novo edifício dispõe de circulação vertical em suas duas extremidades, sendo uma das caixas de escada conjugada a um elevador.

Setorização dos usos e circulações

De um modo geral, podemos observar que a distribuição de usos acima descrita visa cumprir alguns eixos programáticos, assim identificados:

- Guarda de documentos: “torre” para os acervos bibliográfico e arquivístico (a leste) e mapoteca (a oeste).
- Espaços de trabalho: localizados sobretudo no pavimento superior (arquivo e mapoteca), mas também no térreo (biblioteca).

³ Esta é a designação dada pelo projeto aos locais de guarda de acervo.

⁴ A eliminação era feita por incineradoras internas, situadas no interior desse ambiente.

⁵ Toda essa porção passou a ser ocupada pelo arquivo, provavelmente, após a década de 1970, à medida que a documentação recebida se avolumou.

- Áreas técnicas: ala leste, afastada dos usos representativos e ambos os entre-solos;
- Consulta: para interessados em geral, da sala do catálogo e sala de leitura, no térreo; para acesso com restrições, no pavimento superior (arquivo e mapoteca).
- Representação institucional: vestíbulo e salão nobre, mas também, sala de leitura.

Essa distribuição de usos confere igual importância tanto à eficiência de operação no cotidiano da instituição, quanto à representação institucional realizada por um salão de conferências monumental em proporções quase descomunais. Além disso, a hierarquização entre espaços separa programaticamente os locais para acesso geral de público; consultas; trabalho técnico-administrativo; guarda de acervo, conforme uma gradação crescente de restrição ao acesso e segurança contra sinistros. Essa lógica permanece vigente ainda hoje entre as referências para a organização de edifícios de acervos (Cf. CONARQ, 2000).

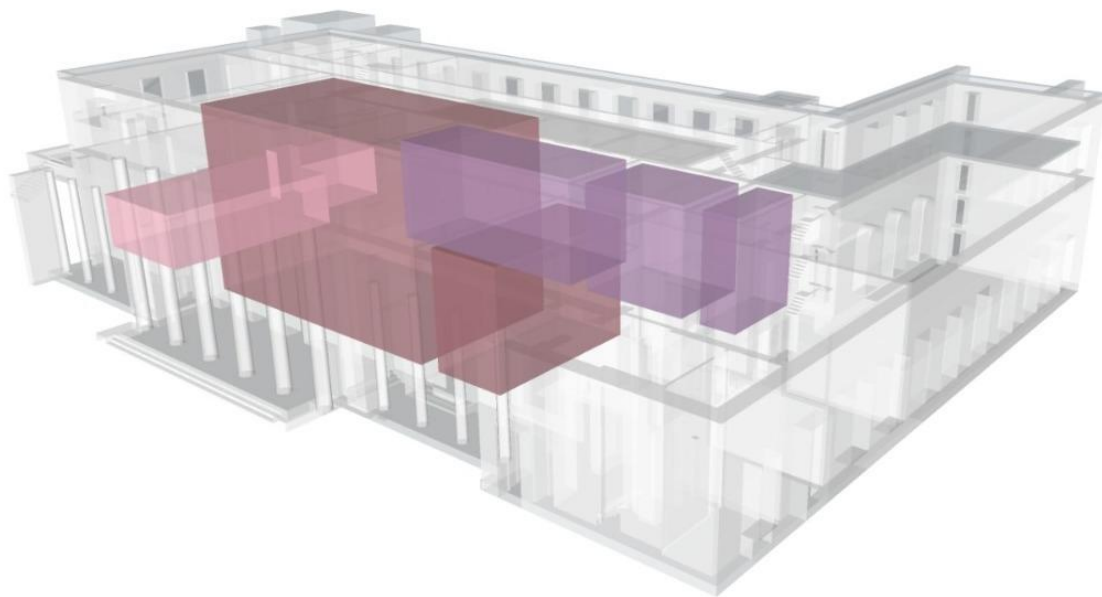


Figura 1 – Biblioteca do Itamaraty - Espaços de representação. Fonte: Instituto Pedra (2022).



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

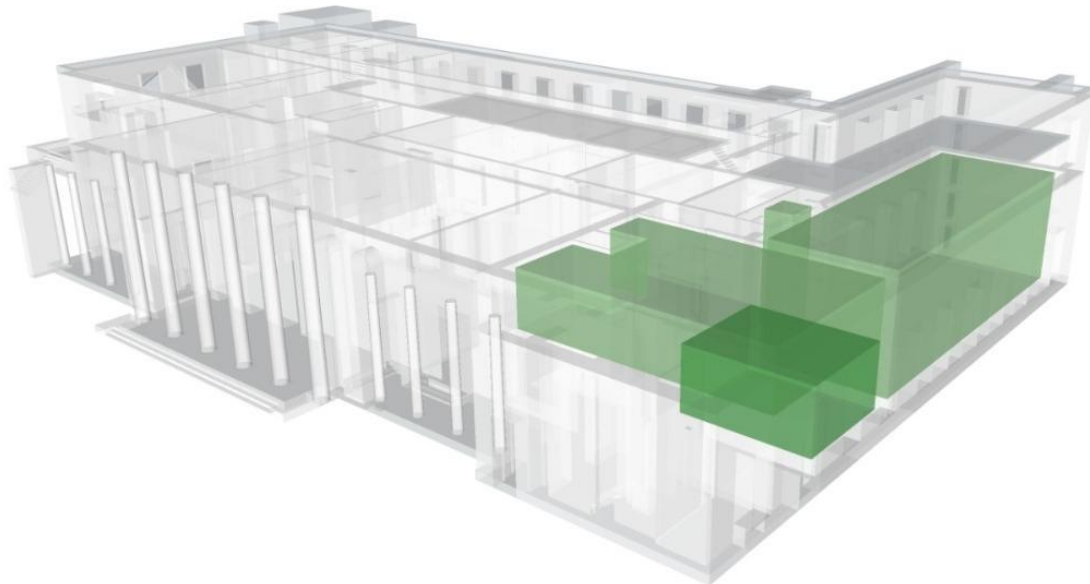


Figura 2 – Biblioteca do Itamaraty - Setor Biblioteca. Fonte: Instituto Pedra (2022).

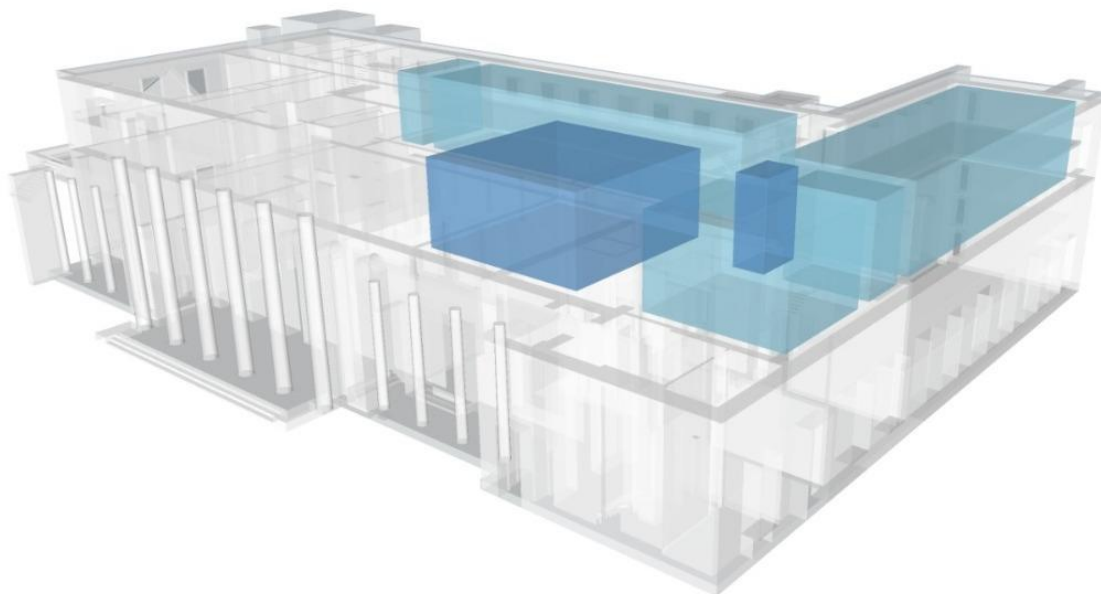


Figura 3 – Biblioteca do Itamaraty - Setor Arquivo. Fonte: Instituto Pedra (2022).

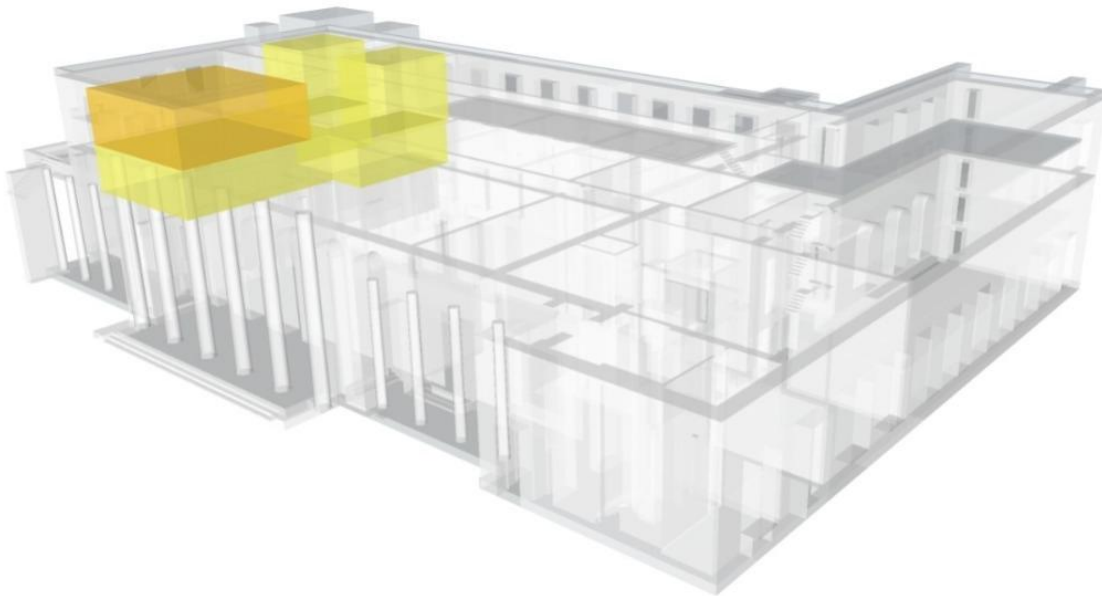


Figura 4 – Biblioteca do Itamaraty - Setor Mapoteca. Fonte: Instituto Pedra (2022).

A presença do neocolonial

O esquema compositivo do edifício apresenta três características principais: fachadas em estilo neoclássico, espaços cerimoniais interiores em estilo “neocolonial” e áreas técnicas com aparato funcional. Mais do que descrevê-las, nosso objetivo é tecer algumas reflexões acerca dessa conformação específica.

Deixando de lado as fachadas neoclássicas, que não são o objetivo deste texto, passamos a algumas considerações mais precisas sobre o que estamos chamando de decoração “neocolonial”. Trata-se, em verdade, de uma certa micelânia de alusões à arquitetura luso-brasileira, com algumas citações diretas e outras genéricas, onde o intuito parece ser mais o de se criar uma “ambiência” específica, possivelmente aludindo a espaços monásticos, vocacionados à reflexão e estudos. Alguns escritos coevos dão indícios sobre a visão de decoro relativa ao emprego dos estilos arquitetônicos, com particular entusiasmo pelo emprego do neocolonial (e afins). Em 1930 Ronald de Carvalho escreve uma descrição intitulada “Arquivos, Biblioteca e Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores”, publicado pelo MRE sob a forma de um encarte informativo⁶, que contém algumas observações qualitativas relevantes. A seguir, contrapomos nossas percepções sobre o edifício em relação aos comentários de Carvalho.

⁶ Esse texto é aproveitado, posteriormente, no livro escrito em 1948 (CARVALHO; LEÃO FILHO, 1948). Também alguns excertos são citados em outra resenha, produzida por Marcos Roméro (1951). Tanto o encarte de 1930 quanto a versão datilografada de Roméro são utilizadas como fonte das citações neste artigo.



O **vestíbulo de acesso** possui paredes em lioz português e piso bicolor em lioz e “mármore de Zé Miguel (Portugal)” (ROMÉRO, 1951, p. 13) ; mas contém também teto em abóbada de aresta branca, algo menos usual no repertório colonial brasileiro. Sobre esse local, Carvalho comenta que “A Sala do Catálogo e os Vestíbulos inspiraram-se no risco da arquitetura religiosa brasileira, do século XVII” (Apud ROMÉRO, 1951, p. 14), o que nos parece um tanto exagerado.

Em verdade é a **sala do catálogo e sala de leitura** que formam um conjunto quase homogêneo entre si. Ali um grupo de referências neoplatерescas (estanteria fixa, tetos e mobiliário em jacarandá) convive com portas em verga de arco abatido, em uma espécie de desenho tipo “canga-de-boi”, mas com cimalha excessivamente protuberante em direção às laterais. Sobre esse ambiente, Carvalho informa que “À Sala de Leitura imprimiu-se o caráter monástico do século XVII lusitano” (Idem, ibidem), embora tanto o neoplatерesco aluda a uma ambientação mais hispânica, quanto as vergas das portas fazem maior alusão ao séc. XVIII, e não XVII – ver Figura 6.

Finalmente, no **salão de conferências**, comparece uma espécie de rococó que nos pareceu imprimir um certo aspecto do centro-norte da Europa⁷, definido pelas pilastras em ordem colossal compósita; capiteis com douramento; janelas esguias acompanhando a altura das pilastras; piso em taco de madeira; e lustres em cristal de murano. Tudo isso convive com dois pórticos que são versões reduzidas e simplificadas da portada da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, localizada na rua Primeiro de Março (Rio de Janeiro). Contudo, segundo Carvalho, “O Salão de Conferências [...], está vasado nos moldes do XVIIIo século português” (Idem, p. 13). Talvez se esteja mirando um pouco em direção ao célebre Convento de Mafra – ver Figura 7.

Essa sobreposição constante entre referências estéticas mostra que o projeto de interiores “à neocolonial” de Prentice e Floderer é, na verdade, uma certa livre combinação de elementos muito variados do repertório luso-brasileiro (ou iberoamericano, se considerarmos a presença quase intrusa do neoplatерesco ali). Não obstante, as principais referências ideológicas contidas no discurso neocolonial são constantemente mobilizadas pelos entusiastas do projeto, ao descrevê-lo. Para Carvalho,

Todo o mobiliário dessas salas [...], mostra, nas suas formas graciosas, a pureza e autenticidade da obra dos antigos mestres entalhadores, que tão alto elevaram as tradições de gosto da nossa raça. Nesse particular, pode considerar-se o novo edifício do Palácio Itamaraty um verdadeiro museu de torêutica luso-brasileira. (CARVALHO Apud ROMÉRO, 1951, p. 15).

⁷ Notadamente, exemplos de rococó austríaco.



Também no projeto não executado de Prentice e Floderer (c. 1929), cabe destacar algumas considerações feitas a respeito de seus interiores, feitas no memorial descritivo, e que ressoam o discurso nacionalista presente na retórica neocolonial:

O projetado acréscimo do Palácio Itamaraty será trabalhado, sob o ponto de vista artístico, em perfeita harmonia com o temperamento e a sensibilidade do povo brasileiro.

[...].

O salão nobre, sem semelhança no mundo, terá contudo uma feição originalíssima, de acordo com as tradições e as tendências artísticas da nacionalidade. Serão observadas, em conjunto, as formas sugestivas da beleza clássica e as linhas suaves e gentis coloniais. (PRENTICE; FLODERER, s/d, p. 2).

Nota-se como os dois projetos elaborados por Prentice e Floderer (o da Biblioteca, executado, e o de ampliação palaciana, não executado), têm como partido formal a conjugação de exteriores neoclássicos a interiores com referências luso-brasileiras. Essa atitude aparentemente incomum nos parece evidenciar um esforço muito grande para viabilizar a inserção do neocolonial em um contexto em que há a presença predominante do neoclássico, desde a sua gênese. Essa inserção, por sua vez, parece se dever mais ao peso da retórica nacionalista (Cf. SILVA, 2010) que estrutura o discurso oficial encampado pelo Estado naquele momento, do que a uma efetiva depuração formal, embasada nas evidências “arqueológicas”⁸ dos levantamentos, que aportavam referências objetivas para a produção das obras realizadas pelos mais sinceros entusiastas daquele movimento artístico⁹. Isso tudo contraposto à procedência estrangeira de Prentice e Floderer, culturalmente alheia ao discurso nacionalista de tipologia luso-brasileira, nos induz à percepção de uma adesão circunstancial aos estilos historicistas, no caso dos projetos feitos para o Itamaraty. Entretanto, mesmo se circunstancial para os arquitetos, aos funcionários do MRE o conjunto de referências parece ter agradado¹⁰.

⁸ Aqui aludimos à terminologia empregada por Ricardo Severo em suas conferências sobre arte brasileira (1917).

⁹ Com efeito, a prática de levantamentos métricos é bastante difundida como procedimento formativo do repertório formal entre os entusiastas do neocolonial, a exemplo das campanhas de José Wasth Rodrigues e dos alunos da Escola Politécnica de São Paulo; das proposições de Ricardo Severo; ou mesmo, das bolsas de estudo concedidas por José Mariano Filho a partir da Escola Nacional de Belas Artes. Cf. PINHEIRO, 2005 e SILVA, 2019.

¹⁰ Não sabemos ao certo qual foi o contexto de produção e posterior recusa do projeto de ampliação palaciana, mas é certo que a proposta apresentada era extremamente ambiciosa do ponto de vista executivo.

Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam



Figura 5 – Biblioteca do Itamaraty. Fachada principal. Fonte: Nelson Kon/Instituto Pedra (2022).

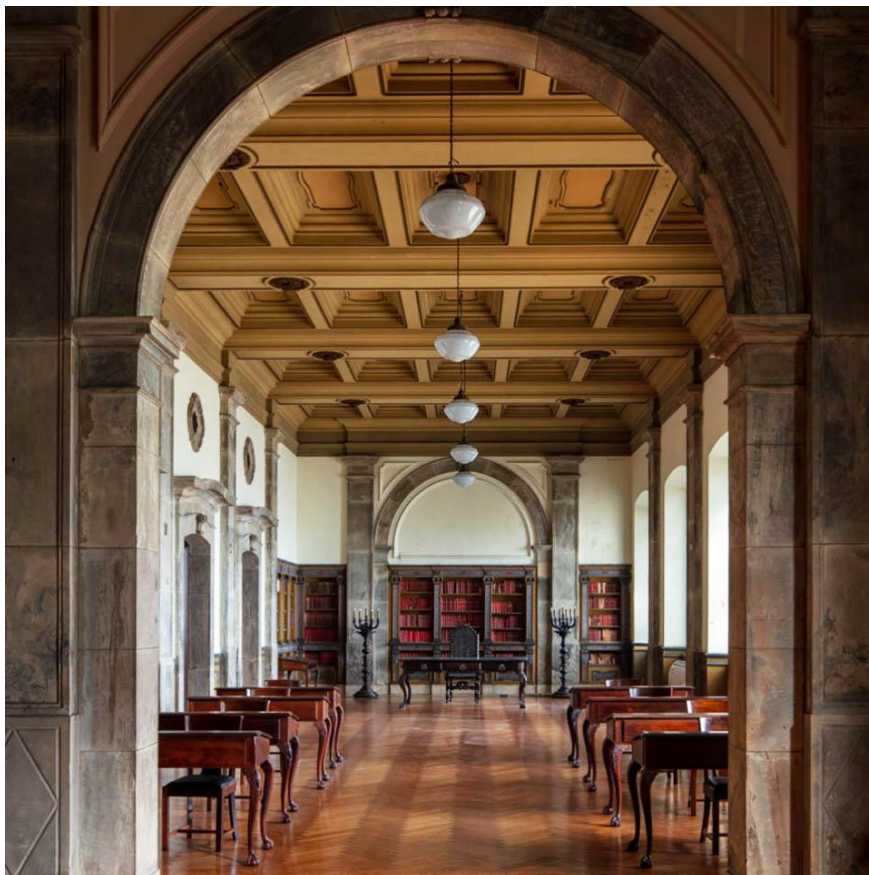


Figura 6 – Biblioteca do Itamaraty. Sala de Leitura. Fonte: Nelson Kon/Instituto Pedra (2022).



Figura 7 – Biblioteca do Itamaraty. Salão de Conferências. Fonte: Nelson Kon/Instituto Pedra (2022).

Racionalização e modernidade: sistemas operativos avançados

O exterior neoclássico e o décor neocolonial, por sua vez, convivem com a presença de notável mobiliário funcional próprio e arrojados sistemas de climatização e desinfestação. Como observam Telles e Machado, o Itamaraty mobilizou fornecedores internacionais através de suas embaixadas para a obtenção dos sistemas mais avançados disponíveis:

Para a construção da Biblioteca, esforços não foram poupados: consulados na Europa e nos Estados Unidos foram acionados para a compra dos equipamentos visando transformar aquela construção em referência da modernização e racionalidade administrativa, que, ao final, foi reconhecida pelos jornais da época como a última palavra em matéria de utilização de equipamentos e sistemas sofisticados. (TELLES; MACHADO, 2023, p. 59)

De acordo com memorandos internos e documentos de divulgação (ROMÉRO, 1951, p. 18), a lista de fornecedores atesta um esforço para se obter acabamentos excepcionais:

- Inglaterra: janelas e portas em ferro (Crittall Manufacturing Co.) ;



- Alemanha: mobiliário em aço do arquivo e mapoteca (Stahlunion); sistema de desinfecção à base de “gases venenosos”;
- EUA: sistemas de refrigeração, ferragens e linóleo (“battleship linoleum”);
- Vidraças com sistemas de proteção anti-UV;

O edifício contava, ainda, com outras amenidades, como de bebedouros com água resfriada, e dois monta-cargas: um para o setor de impressos, como já descrito, e outro para a distribuição da biblioteca e arquivo até a consulta, no térreo, que dispunha de um balcão de atendimento na sala do catálogo. A segurança do edifício dispunha também de sistemas específicos para a prevenção e o combate a incêndios.

Porém, de todos os sistemas lá implantados, aqueles que provavelmente merecem maior destaque são o sistema de ar condicionado (chamado de “ventilação artificial”) e o sistema de desinfecção. Seu maquinário ficava instalado no subsolo e os sistemas eram conduzidos por dutos internos feitos em alvenaria, no momento da construção do edifício, atestando que esses sistemas estavam previstos desde o momento do projeto. Com efeito, não temos notícia da utilização de sistemas de desinfecção a “gases venenosos” em edifícios semelhantes, devendo esta solução ter sido pioneira para a época, ao menos na região¹¹.

Embora os sistemas de ventilação artificial já fossem utilizados desde o início daquele século no Rio de Janeiro¹², também a presença desse tipo de sistema em um edifício destinado ao abrigo de acervos pode ser considerada excepcional, sobretudo tendo em conta que o projeto previa três circuitos em separado: um para a sala de leitura e sala de conferências; um para o subsolo; um para a biblioteca e arquivo. O primeiro circuito era efetivamente voltado para locais de permanência de público, mas os dois outros circuitos visavam atender especificamente áreas de guarda de acervo¹³.

Todo esse aparato de instalações indica uma importância muito grande dada aos acervos previstos de serem abrigados no novo edifício; ao mesmo tempo, parece denotar também certa ostentação de uma ideia de modernização então vigente, isto é, relacionada à eficiência e racionalidade na disposição dos usos e funcionamento de um edifício público. Essa ideia é celebrada em escritos coevos de modo relacionado à eficiência do funcionamento do edifício.

¹¹ Devido a essa circunstância resulta difícil compreender efetivamente como esse sistema deveria funcionar, sobretudo porque essas instalações foram desativadas há muitas décadas. A temática enseja pesquisas mais avançadas.

¹² Desses usos o mais destacado talvez seja a pioneira refrigeração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, instalado em 1909 (DI RIENZO, 2007).

¹³ Cabe observar que o subsolo havia sido pensado com uma sala destinada à guarda de obras raras. Embora o local designado seja tido como incorreto para os padrões atuais, a existência de uma guarda de obras raras em separado denota preocupação com o assunto desde o momento do projeto.



O arcabouço do prédio é de cimento armado. O Armazém de Livros ocupa três andares. As preciosas coleções da Biblioteca do ministério das Relações Exteriores, onde avultam raríssimos incunábulos do XV^o e XVI^o séculos, exemplares de sumo valor pertinentes ao Brasil, além de variadíssima e opulenta messe de obras sobre História Diplomática e Direito Internacional, somando cerca de setenta mil tomos, foram dispostos, depois de catalogados por sistema decimal, em estantes de aço. Para a transmissão dos volumes, entre os diversos pavimentos, instalaram-se dois monta-livros elétricos.

Da mesma sorte, os documentos dos Arquivos, e as cartas da Mapoteca distribuíram-se, em compartimentos especiais, por armários e cofres de aço. A fim de proteger os livros, mapas e papéis, aparelhou-se um maquinismo moderno para desinfecção, por meio de gases venenosos. As portas e janelas dessa parte do são de aço, com dispositivos próprios contra incêndio. Todas as vidraças são de qualidade especial “anti-actinic”, para diminuir a intensidade dos raios solares, tornando agradável a permanência longa nos escritórios e oficinas. O sistema de iluminação e arejo avanteja-se, pela técnica moderníssima, a quantos se conhecem entre nós (CARVALHO apud ROMÉRO, 1951, pp. 15-16).

Contudo, há que se fazer uma contextualização acerca da menção à ideia de “modernidade” contida nesses escritos. Com efeito, “moderno”, em essência, indica a princípio algo dos tempos atuais, *hodierno*, que está na moda (FERREIRA, 1999, p. 1351). Nesse sentido, as afirmações de Carvalho indicam que o novo edifício do Itamaraty está em linha com aquilo que se conhecia de mais avançado em termos operacionais, à época.

Note-se que, nesse caso, a modernidade aludida coexiste com a lógica de ornamentação dos espaços conforme estilos arquitetônicos. Nesse sentido, cabe observar que não apenas os estilos arquitetônicos coexistem entre si, mas diferentes vertentes de artes decorativas estão envolvidas no novo projeto. Poucos anos após a inauguração da nova biblioteca, o Ministério adota uma linguagem de estampa em papeis para ser utilizada em seu setor de encadernações. Essa nova estampa é realizada em traços reconhecidos como “estilo marajoara”, que vem a ser uma espécie de *art-Déco* estilizado.

Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

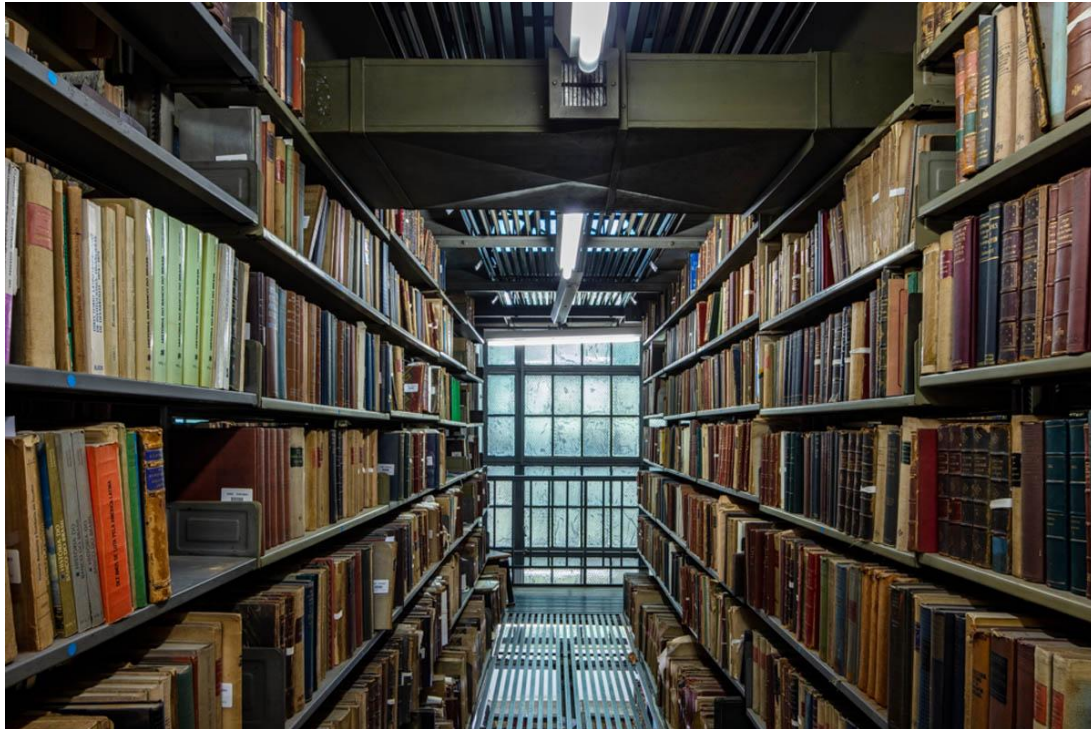


Figura 8 – Área de guarda da Biblioteca. Estanteria e ar-condicionado. Fonte: Nelson Kon/Instituto Pedra (2022).

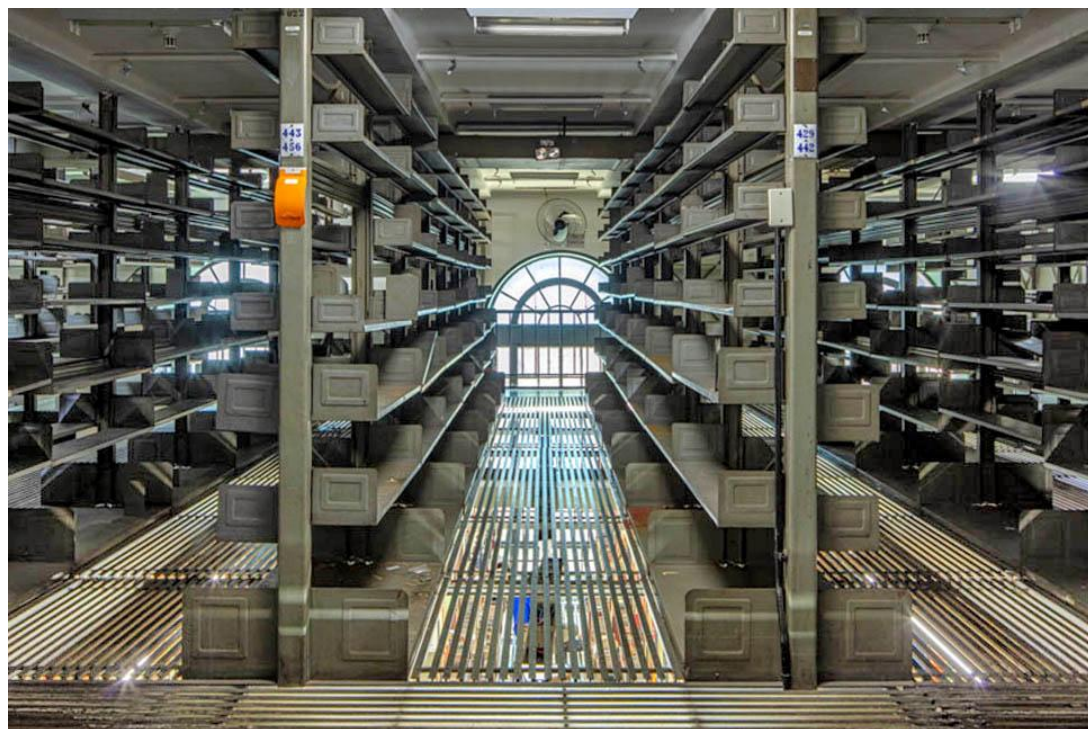


Figura 9 – Área de guarda da Biblioteca durante o restauro. Fonte: Nelson Kon/Instituto Pedra (2023).

Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam



Figura 10 – Área de guarda da mapoteca. Fonte: Nelson Kon/Instituto Pedra (2022).



Figura 11 – Pormenores: estanteria Stahlunion e caixilharia Crittal. Fonte: Nelson Kon/Instituto Pedra (2023).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trazermos à luz aspectos estéticos e funcionais relativos à Biblioteca, Mapoteca e Arquivo do Itamaraty, procuramos evidenciar o destaque tido por esse edifício no momento de sua inauguração. Para o caso, a própria multiplicidade de elementos convivendo entre si (exterior neoclássico, interiores decorados “à neocolonial”, arcabouço e áreas técnicas dotadas de funcionalidades racionalistas) podem sinalizar um momento de tensionamento que prenuncia a mudança de rumos políticos e diretrizes estéticas vivenciada no Brasil a partir dos anos seguintes.

O estudo das condicionantes de produção desse edifício aponta para uma forte presença do neocolonial como uma forma de representação estética privilegiada pelo Estado brasileiro, sobretudo tendo em conta a alta relevância desse projeto. Não obstante, a coexistência com outros elementos estéticos e funcionais pode ser um indicador tanto da crise na adoção de estilos historicistas, quanto da presença de elementos novos que posteriormente foram acolhidos como alternativas para a resolução dessa crise. Nesse sentido, é necessário realizar uma leitura crítica sobre a presença desse estilo em conjunto com os elementos funcionais: não é que o neocolonial prescindisse da eficiência técnico-operacional; ao contrário disso, o emprego desse tipo de funcionalidade foi amplamente utilizado nos projetos dessa corrente estética. O caso é que observamos, neste edifício, um certo protagonismo dessas funcionalidades, ou seja, uma presença que, longe de ser ocultada pelo *décor* em estilo historicista neoclássico, acaba sendo também ostentada *em paralelo* ao neocolonial, de certa maneira, como sinônimo de eficiência e conforto – paradigmas de modernidade vigentes.

Com efeito, ainda que o mobiliário das áreas de guarda fosse destinado a funções técnicas, a importância do acervo ali abrigado acaba por conferir também um certo destaque ao aspecto que estamos chamando de *funcional*. A partir desse ponto nossa pesquisa se depara com elementos ainda muito fragmentários para o delineamento de um quadro mais preciso – elementos esses que merecem futuros aprofundamentos. Por exemplo, sabe-se que o edifício foi divulgado no *IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos*, ocorrido no Rio de Janeiro em 1930, fazendo parte da programação oficial; contudo, não é possível apreender qual foi a recepção desse projeto em meio ao evento. Sabe-se também que Lucio Costa atuou como assessor de obras no Itamaraty em 1930, cargo que deixou para assumir a direção da ENBA em 1931, conforme relata em sua autobiografia (COSTA, 1995, p. 67); portanto, teria presumível bom conhecimento acerca desse edifício, seus acabamentos e equipamentos ali instalados. Nessas circunstâncias, poderia a Biblioteca do Itamaraty, bastante conhecida no momento de sua inauguração, ter contribuído também como repertório para algumas soluções que viriam a ser testadas em novos edifícios declaradamente modernos, realizados poucos anos depois?

Mesmo assim, o edifício da Biblioteca acabou sendo relegado a certo ostracismo, devido a uma série de vicissitudes. Uma delas é a associação com o fim da chamada República



Velha, uma vez que um dos últimos atos do governo Washington Luiz foi justamente a cerimônia de inauguração do edifício, fato que acabou sendo alcunhado de “segundo baile Ilha Fiscal”, em alusão à queda do regime vigente (TELLES; MACHADO, 2023, p. 64). Mais tarde, na década de 1970, o Itamaraty no Rio de Janeiro acaba perdendo parte de seu protagonismo em favor do recém-inaugurado Palácio Itamaraty de Brasília, que efetivamente viria a se tornar mais famoso do que o complexo carioca que lhe deu origem. É, portanto, devido a acontecimentos históricos juntamente com inerências constitutivas estéticas que esse edifício pode ser compreendido como testemunho silencioso de um divisor de águas que alude, simbolicamente, ao fim da República Velha e o surgimento do Estado Novo; ao mesmo tempo, acaba sendo também um testemunho dos debates instaurados acerca da modernização do país. Com efeito, o balanço feito por Lucio Costa aponta justamente para a direção desse entendimento: “O Itamaraty está, para mim, indissolivelmente associado à transição dos anos 20 e 30” (COSTA, 1995, p. 67).

Desde 2020, um trabalho de recuperação de grande envergadura foi iniciado, a partir de um acordo de cooperação entre o Instituto Pedra e o MRE, envolvendo recursos do BNDES e Itaipu. Para o edifício da Biblioteca foram desenvolvidos projetos de restauro abrangendo a recuperação do arcabouço arquitetônico e a modernização das instalações e áreas de guarda, cujas obras estão em andamento; em paralelo, a execução do projeto envolve o tratamento técnico e desinfestação de todo o acervo, constituindo um trabalho integrado de preservação arquitetônica e de acervos documentais, possivelmente, pioneiro no país.

REFERÊNCIAS

ATIQUE, Fernando. **“Arquitetando a boa vizinhança”**: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945. Tese (Doutorado em História e fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CONARQ. **Recomendações para construção de arquivos**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Arquivos, 2000.

CONDURU, Guilherme F.. **O Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty**: história e revitalização. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2013.

COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**. Rio de Janeiro: Empresa das artes, 1995.

DI RIENZO, Cristiane. **Memória da refrigeração e do ar condicionado no Brasil**: uma história a ser contada. São Paulo: SINDRATAR, 2007.

FERREIRA, Aurélio B. De H. **Novo Aurélio do Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Frederico A. “Os Arquivos do Barão: por uma história social do Arquivo Histórico do Itamaraty no Rio de Janeiro (1808-1959)”. **Revista del CESLA. International Latin American Studies Review**, n. 33, 2024. Pp. 109-126.

LUCIO Costa. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/4763-lucio-costa>. Acesso em: 23 de março de 2025. Verbetes da Enciclopédia.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Archivos, bibliotheca e mappotheca do Ministério das Relações Exteriores aos delegados do IVº Congresso Pan-Americano de architectos**. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1930.

PERES, José Roberto P. “Fernando Nerêo de Sampaio, Engenheiro-Arquiteto, Artista e Educador: um intelectual da arte-educação”. **Rebento**, São Paulo, No. 11, dez. 2019. Pp. 57-103.

PINHEIRO, Maria Lúcia B. “A história da arquitetura brasileira e a preservação do patrimônio cultural”. **Revista CPC**. São Paulo, v.1, n.1, p. 41-74, nov. 2005/ abr. 2006

ROMÉRO, Marcos. **Notícia histórica sobre a Biblioteca do Itamaraty**. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, Serviço de documentação, 1951.

SILVA, Joana M. C. “A construção do nacional: Ricardo Severo e a Campanha de Arte Tradicional no Brasil (1910-1930)”. **Varia Historia**. Belo Horizonte, vol. 35, n. 68, p. 597-629, mai/ago 2019.

_____. “Raça, meio e tradição. A escrita da história por Ricardo Severo”. **Anais do I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro, 2010.

TELLES, Ângela; MACHADO, Veronica. “O patrimônio construído”. GUERRA, Abílio; MACHADO, Jurema; ALMEIDA, Luiz Fernando de. **Palácio Itamaraty. Ontem, hoje, amanhã**. São Paulo: Romano Guerra, 2023.

VIANNA NETO, Liszt. “A arquitetura de Anton Benjamin Floderer: um discípulo de Otto Wagner no Brasil”. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 27, n. 40, Belo Horizonte, jan./jun. 2020. Pp. 57-88.